

A PROSA POÉTICA DE HADALY
(GUILLY FURTADO BANDEIRA)
EM CINCO
“CARTAS SEM DESTINATÁRIO”
DE *VIDA CAPICHABA*

THE POETIC PROSE OF HADALY
(GUILLY FURTADO BANDEIRA)
IN FIVE
“LETTERS WITHOUT AN ADDRESSEE”
IN *VIDA CAPICHABA*

Grace Alves da Paixão*

Guilly Furtado Bandeira nasceu no Espírito Santo, em 1890, e passou a infância e a juventude no Pará. Depois de casar-se com o militar Raymundo Bandeira, foi para o Rio de Janeiro. Contudo, nunca perdeu o contato com seu Estado natal, tendo trabalhado ativamente no meio literário da capital espírito-santense. Foi uma das pioneiras na empreitada de abrir cada vez mais espaço às mulheres nesse universo: formou-se no Ensino Superior, participou da fundação da Academia de Letras do Pará,

* Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP).

publicou em diversos periódicos e atuou também na política (PAIM, 1983; RIBEIRO, 2010; DRUMOND, 2014).

Em formato de livro, no ano de 1914, lançou *Esmaltes e camafeus*, um conjunto de contos bastante alinhados às estéticas do século anterior, haja vista a referência do título a *Émaux et camées*, de Théophile Gautier (1852). A ficcionalização de personagens do folclore brasileiro, em alguns contos, revela a atmosfera vivida no início do século, no sentido de dar a ver a cor local nas obras produzidas em nosso país (PUPO, 2001; RAMOS JR., 2018). Trata-se de um marco importante, porque é o primeiro livro publicado por uma mulher nascida no Espírito Santo (OLIVEIRA, 2020).

Porém, sua estreia na vida literária data de antes, no jornal *A Província*, de Belém, no Pará. Em solo capixaba, a primeira notícia que temos de suas publicações se dá em 1910, com o conto “Suprema ambição”: antes de ser inserido em *Esmaltes e camafeus*, já havia sido publicado no *Jornal do Comércio* do Espírito Santo, assinado com seu nome de solteira: Guilly Tesch Furtado (1910). O conto figura na primeira página do periódico, ocupando, portanto, lugar de destaque e, na mesma página, encontram-se algumas palavras elogiosas dos editores a respeito das produções da escritora estreada, a “talentosa conterrânea”.

Ao longo de praticamente toda sua vida, publicou, em periódicos, tanto contos e poemas, quanto artigos de opinião e reflexões de cunho político e filosófico. Estudos como os de Rangel (2011), de Scolforo (2020) e de Rangel e Nader (2020), por exemplo, revelam sua postura progressista diante da discussão sobre o feminismo e sua participação no periódico *Vida Capichaba*. Nesta revista, a presença de Guilly Furtado Bandeira se faz sentir, porque foi uma das colaboradoras a formar um grupo de mulheres que ali tinham espaço de expressão.

No Rio de Janeiro, entre 1916 e 1917, é possível ler produções suas na revista *A Faceira*. Um pouco depois, em 1918, na *Revista das Moças*. No final da década de 1920 e início da década de 1930, publicava com certa frequência n' *O Paiz*, onde assinava apenas G. ou Gui e também seu nome completo: na seção feminina "Elegância e Conforto", escrevia sobre moda e também lançava crônicas e reflexões sobre o viver; em outras seções, discursava sobre as instituições de caridade da capital.

Figura 1: Comentário sobre Guilly Furtado Bandeira no *Jornal do Comércio*, de 1910.



Fonte: *Jornal do Comércio*, Vitória, ano XX, n. 183, 19 ago. 1910. (Disponível em: <https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/229687/per229687_1910_00183.pdf>). Acesso em: 01 mar. 2025.

A imprensa da época registra o reconhecimento que a autora obteve em vida. E, após sua morte, não deixou de ser lembrada: em 2010, tornou-se patrona da cadeira número 39 da Academia Feminina de Letras do Espírito Santo e, em 2011,

Esmaltes e camafeus (1914) foi republicado pela Academia Espírito-Santense de Letras (OLIVEIRA, 2020). No entanto, ainda há que se fazer um trabalho de compilação das suas obras esparsas (as quais estão em arquivos que guardam os periódicos em que publicava) no intuito de dar visibilidade à sua produção e não deixar que caia no esquecimento, uma vez que constitui memória do patrimônio imaterial da Literatura Brasileira produzida no Espírito Santo.

Figura 2: Capa do n. 13 do periódico *Futuro das Moças* e foto de Guilly Furtado Bandeira no interior da revista.



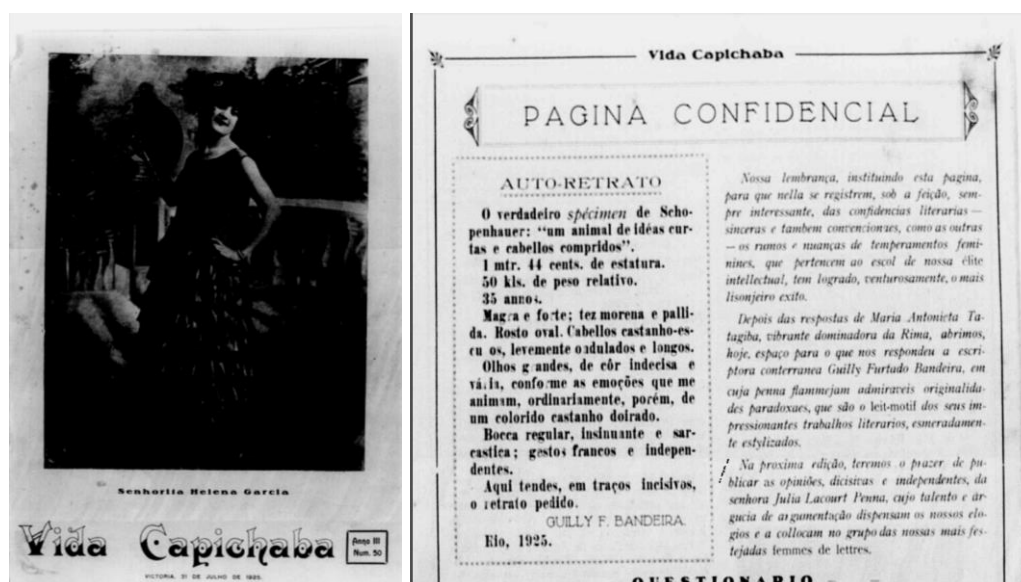
Fonte: Revista *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, ano I, n. 13, 1917. (Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/6825/14/Anno.I_n.13_45000033186_Output.o.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2025.

A imagem acima é uma das poucas que encontramos da autora. Quando, em 1925, ela foi convidada pelos editores de *Vida Capichaba* a responder ao questionário da seção “Página Confidencial” (BANDEIRA, 1925), não enviou uma fotografia sua, mas escreveu uma autodescrição com título “Auto-retrato”. Para

falar de si, utiliza uma célebre citação atribuída a Schopenhauer: “Um verdadeiro *especimen* de Schopenhauer: um animal de ideias curtas e cabelos compridos”.

Compreender o sarcasmo de Guilly exige conhecer as ideias misóginas do filósofo do século XIX, em especial no excerto “Esboço acerca das mulheres”, publicado em 1850 no livro *As dores do mundo* (SCHOPENHAUER, 1985) e *A arte de lidar com as mulheres* (SCHOPENHAUER, 2004). A ironia está no fato de que, todos sabemos e ela própria estava certa disso, não era um ser de ideias curtas. Ao contrário, foi uma mulher letrada e à frente de seu tempo em muitas questões, sobretudo quanto à valorização da intelectualidade feminina.

Figura 3: Capa do n. 50 do periódico *Vida Capichaba* e excerto da “Página Confidencial” no interior da revista, respondida pela autora em julho de 1925



Fonte: BANDEIRA, Guilly Furtado. Página Confidencial. Vida Capichaba. Vitória, ano III, n. 50, [s. n.], 31 jul. 1925. Disponível em: <https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/156590/per156590_1925_00050.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2025.

Para compreender aspectos da literatura espírito-santense, em especial a literatura produzida por mulheres, conhecer a obra de Guilly Furtado Bandeira parece-nos essencial. Nesse sentido, a contribuição desta seleta está em lançar luz sobre uma parte de sua produção escrita, por meio de uma compilação de

cinco textos publicados em *Vida Capichaba*, entre os anos de 1927 e 1933, sob o pseudônimo de Hadaly. Trata-se das “Cartas sem destinatário”, escritos numa prosa poética que revela intenso trabalho sobre a linguagem a fim de que o texto tome ares líricos.

Quem nos revela a identidade sob esse pseudônimo é a revista *Vida Capichaba* que, em 30 de julho de 1927, publica uma nota de homenagem à escritora em virtude de sua formatura na Faculdade de Filosofia, no Rio de Janeiro, e afirma: “[...] À apreciada escritora espírito-santense, de cuja colaboração, sob o seu nome ou o de Hadaly, este quinzenário se desvanece sinceramente participando da alegria de seu esplêndido triunfo, nossas afetuosas felicitações” (VIDA, 1927, [s.p]).

É possível que o pseudônimo tenha sido escolhido por influência do francês Villiers de L'isle-Adam, o qual criara a personagem Hadaly em seu romance que *L'Ève future*, de 1886. Na história, que mescla o fantástico com a ficção científica, a personagem é produto de um experimento: um androide produzido por Thomas Edison, com a finalidade de satisfazer o gosto dos homens. Chama a atenção – e não nos parece gratuito – o fato de uma de nossas escritoras mais afinadas com o feminismo na primeira metade do século XX tomar de empréstimo o nome da personagem que está no centro de uma obra carregada de misoginia.

Uma primeira hipótese é a de que a Hadaly de Guilly queira justamente reproduzir o aperfeiçoamento feminino promovido pelo cientista que criou a Hadaly de L'Isle-Adam. No romance – por meio de um processo de viagem astral, isto é, de uma transferência de alma que descorporifica uma mulher real – o androide feminino é dotado de um espírito superior, elevado, nobre. Na década de 1920, as mulheres buscavam mostrar-se valorosas, inteligentes, intelectualmente capazes, em contraposição aos estereótipos machistas sobre a condição feminina. Dessa forma, uma personagem como Hadaly das “Cartas sem

destinatário” dá a ver uma mulher sensível à beleza do mundo e dos sentimentos nobres e dotada de capacidade de criação artística e fruição estética.

Por outro lado, a postura feminista da autora e a maneira satírica com que lida com os preceitos machistas levam-nos a outra hipótese, isto é, a de que sua Hadaly sirva justamente para evidenciar o quanto é irreal uma mulher que seja tão subserviente. Ou seja, situa-se no campo da idealização e da ficção uma figura feminina que seja dominada pelo sentimento de amor e pelo desejo absoluto de entrega ao ser amado, como se seu corpo fosse feito para ser o objeto de seu prazer. Nesse sentido, tanto a Hadaly de L'isle-Adam, quanto a de Guilly seriam androides programados para agradar ao sexo oposto. Esta segunda, pelo contexto de criação, pode ser lida pela chave da ironia da autora e mostrar o quanto os homens reduzem as mulheres à condição de seres formatados somente para os amar.

Suas “Cartas sem destinatário” podem ser consultadas nos arquivos da Biblioteca Nacional, de forma *online*, uma vez que as edições de *Vida Capichaba* foram digitalizadas e estão disponibilizadas em rede pela Hemeroteca Digital. A transcrição que consta nesta seleta tem o objetivo de facilitar o acesso dos leitores do século XXI a produções de cerca de um século atrás. Para propiciar uma melhor leitura, a grafia foi modernizada de acordo com as normas atuais da escrita da língua portuguesa.

É preciso ainda realizar um trabalho maior no sentido de compilar os textos esparsos de Guilly Furtado Bandeira e agrupar as publicações assinadas por Hadaly, com vistas a produzir uma edição crítica de sua obra. Assim, teríamos uma visão do todo e poderíamos melhor delinear os contornos de uma personalidade tão interessante para os estudos da Literatura Brasileira. Nesse sentido, a presente seleta representa apenas um passo de uma longa trajetória a ser empreendida no encalço de publicizar e analisar a produção da autora.

A primeira “Carta sem destinatário” (HADALY, 1927) a figurar nesta seleta foi publicada em 30 de abril de 1927, na edição de n. 91 de *Vida Capichaba*. Está disposta na página 27 de uma edição com cinquenta páginas e divide o espaço com duas fotografias relativamente grandes de times de futebol e uma nota que dá notícias do resultado da partida entre Sulamérica e Bangú. Assinada por Hadaly, destina-se a “Meu desvairado amor”, o que estabelece uma atmosfera de segredo normalmente associada ao universo feminino.

A mulher confessa ao amado seu estado de alma longe de si: o desespero e a angústia da saudade. As suspensões de pensamento evocam a emoção de um discurso cheio de rupturas e hesitações próprias da pessoa que ama e cujos sentidos não permitem a racionalização do pensar. As aliteraões e assonâncias conferem uma musicalidade quase poética: “poente peneira, por entre as copas de esmeralda, a pulverização irisada do crepúsculo morrente”.

A segunda “Carta sem destinatário” (HADALY, 1929a) localizada neste trabalho foi escrita em dezembro de 1928, mas publicada em 17 de janeiro de 1929, na 158ª edição de *Vida Capichaba*. Divide a vigésima página do periódico (que tem cinquenta no total) com uma foto do ministro do Tribunal Federal, Heitor de Souza, e uma nota sobre seu falecimento. No rodapé, há uma citação atribuída a Robespierre: “Há alguns homens úteis, mas nenhum necessário: somente o povo é imortal”.

Hadaly dirige-se ao seu “desvairado amor” num discurso eloquente e poético. O “Natal” afasta-se de seu sentido original e não evoca a mística cristã do nascimento do Salvador, mas refere-se à apoteose de um amor que é, ao mesmo tempo, carnal e espiritual. As referências à natureza são constantes: o amor floresce como as plantas em um vergel; o amor ilumina como os raios de sol em uma caverna escura. A menção a um Deus que dota o humano da capacidade de amar confere aos sentimentos humanos uma faculdade divina.

A terceira “Carta sem destinatário” (HADALY, 1929b) apresentada neste breve estudo foi publicada em 31 de outubro de 1929, na edição de n. 199 de *Vida Capichaba*. Está disposta na página 19 de uma edição com cinquenta e duas páginas e divide espaço com uma fotografia pequena de uma comitiva presidencial. A missiva é assinada por Hadaly e o destinatário é “Meu insano desejo”, uma figura não revelada que evoca a ideia de amor proibido ou platônico, próximo ao tipo de discurso encontrado em textos de diários secretos.

A mulher conta ao amado uma experiência sensorial que tem traços de uma alucinação ou de uma vivência transcendental. Em um movimento sinestésico, as flores de jasmim a inebriam fazendo com que o odor floral tome uma forma humana que somente é visível para os que têm alma de poeta. A voz desse ser misterioso lhe alerta sobre os perigos de se entregar ao amor, visto por ele como uma falácia. Porém, ela não pode dar-lhe ouvidos: não pode deixar de amar, porque fez do amor a única verdade de seu destino. A dualidade entre razão e emoção, entre a Ciência e o Amor, dialoga com as contradições do cientificismo moderno diante da subjetividade e das simbologias humanas.

A quarta “Carta sem destinatário” (HADALY, 1929c) que trazemos a público nesta seleta, escrita em outubro de 1929 e publicada em *Vida Capichaba* na edição n. 200, de 7 de novembro do mesmo ano, ocupa toda a página do periódico, salvo por uma pequena nota de rodapé que traz uma notícia da Loteria. Hadaly insere, como epígrafe de seu texto, dois versos de Banville, poeta francês do século XIX que compartilhava das ideias de Théophile Gautier sobre a função da poesia, conhecido pelo seu empenho na Arte pela Arte, isto é, pelo seu trabalho formal rigoroso com a linguagem (LEMAÎTRE, 1898).

A atmosfera é de um sonho que evoca o entardecer no mar da Grécia antiga, numa beleza plástica que se assemelha ao trabalho de um pintor sobre uma tela em branco. Suas palavras são pinceladas de tons avermelhados que trazem uma reflexão sobre o amor: assim como a pérola forma-se de uma ferida no corpo do

molusco, o amor é o “carcinoma da alma”, isto é, a joia humana que nasce da dor de seu âmago.

A quinta e última carta escolhida (HADALY, 1933) não traz o título da seção “Carta sem destinatário” no topo nem a data de composição ao final, mas observa o mesmo estilo e a mesma estrutura das demais: quem assina é Hadaly e, novamente, endereça sua missiva a “Meu desvairado amor”. O texto foi publicado em 30 de março de 1933, na edição n. 337 de *Vida Capichaba*, e ocupa a 13ª página, juntamente com duas fotografias de blocos de carnaval. A mulher convida o amado ao amor que já não é mais o da juventude.

Os movimentos de seu corpo e espírito são comparados aos fenômenos da natureza e a linguagem misteriosa, musical e rebuscada insere o texto em vetores que emanavam das correntes finisseculares. Invoca-se o crepúsculo, mas não se vê a melancolia dos simbolistas que tanto tematizam essa hora do dia. Ao contrário, retrata-se uma alma que se abre ao amor: ela compara-se à flor da vitória-régia, que só desabrocha ao anoitecer, numa analogia carregada de erotismo e brasilidade.

Esse breve comentário tem a finalidade tão somente de apresentar de forma sucinta a autora e os cinco textos que compõem esta seleta. Encerro, portanto, essas linhas com a esperança de que Guilly Furtado Bandeira seja a voz mais ouvida nestas páginas.

Referências:

OLIVEIRA, Ester Vieira Abreu de. Apresentação. *Revista da Academia Espírito-santense de Letras*, Vitória, v. 25, p. 5-6, 2020. Disponível em: <https://ael.org.br/publicacoes_da_academia_espirito_santense_de_letras/revisita_ael_2020.pdf>. Acesso em 28 fev. 2025.

BANDEIRA, Guilly Furtado. *Esmaltes e camafeus*. Paris; Rio: Garnier, 1914.

BANDEIRA, Guilly Furtado. Página confidencial. *Vida Capichaba*, Vitória, ano III, n. 50, [s. n.], 31 jul. 1925. Disponível em: <https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/156590/per156590_1925_00050.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2025.

DRUMOND, Josina Nunes. *Esmaltes e camafeus: retratos de mulher*. Vitória: Opção, 2014.

FURTADO, Guilly Tesch. Suprema ambição. *Jornal do Comércio*, Vitória, ano XX, n. 183, p. 30, 19 ago. 1910. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=229687&pesq=guilly&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=11684>>. Acesso em: 28 fev. 2025.

GAUTIER, Théophile. *Émaux et camées*. Paris: G. Charpentier, 1884.

HADALY [Guilly Furtado Bandeira]. Carta sem destinatário. *Vida Capichaba*, Vitória, ano V, n. 91, p. 30, 30 abr. 1927. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=156590&Pesq=hadaly&pagfis=2710>>. Acesso em: 28 fev. 2025.

HADALY [Guilly Furtado Bandeira]. Carta sem destinatário. *Vida Capichaba*, Vitória, ano VII, n. 158, p. 20, 17 jan. 1929a. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=156590&pesq=%22carta%20sem%20destinat%C3%A1rio%22&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=3585>>. Acesso em: 2 mar. 2025.

HADALY [Guilly Furtado Bandeira]. Carta sem destinatário. *Vida Capichaba*, Vitória, ano VII, n. 199, p. 30, 31 out. 1929b. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=156590&Pesq=hadaly&pagfis=5826>>. Acesso em: 28 fev. 2025.

HADALY [Guilly Furtado Bandeira]. Carta sem destinatário. *Vida Capichaba*, Vitória, ano VII, n. 200, p. 17, 7 nov. 1929c. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=156590&pesq=%22carta%20sem%20destinat%C3%A1rio%22&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=5876>>. Acesso em: 2 mar. 2025.

HADALY [Guilly Furtado Bandeira]. Ao meu desvairado amor. *Vida Capichaba*, Vitória, ano XI, n. 337, p. 30, 31 out. 1933. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=156590&Pesq=hadaly&pagfis=12074>>. Acesso em: 28 fev. 2025.

LEMAÎTRE, Jules. *Les Contemporains: études et portraits littéraires*. Paris: Société Française d'Imprimerie et de Librairie, 1898.

PAIM, Antônio. *Bibliografia filosófica brasileira (1808-1985)*. Brasília: Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro; Senado Federal, 1983. Disponível em: <<https://silo.tips/download/bibliografia-filosofica-brasileira>>. Acesso em 27 fev. 2025.

PUPO, Guilherme Falcon. *Arlequim folião: o folclore no nacionalismo modernista*. 2001, 154 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, História Social e Cultural, Universidade Estadual Paulista Júlio de

Mesquita Filho, Franca, 2001. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/5facd5da-8220-4c94-bb7d-47429c6a166f/content>>. Acesso em: 11 abr. 2025.

RAMOS JR., José de Paula. Mário de Andrade e a lição do Modernismo. *Revista USP*, n. 116, p. 97-106, jan.-mar. 2018.

RANGEL, Lívia de Azevedo Silveira. "*Feminismo ideal e sadio*": os discursos feministas nas vozes das mulheres intelectuais capixabas – Vitória/ES (1924 a 1934). 2011, 268 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Disserta%C3%A7%C3%B5es%20e%20Teses/Hist%C3%B3ria-UFES/UFES_PPGHIS_L%C3%8DVIA_AZEVEDO_SILVEIRA_RANGEL.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2025.

RANGEL, Lívia de Azevedo Silveira; NADER, Maria Beatriz. Mulheres escritoras e o debate sobre o feminismo na imprensa capixaba (1920 e 1930). *Revista do Arquivo Público do Espírito Santo*, ano IV, n. 7, p. 49-66, jan.-jun. 2020. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Revista_APEES_numero_7_.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2025.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. Guilly Furtado Bandeira, uma capixaba pioneira na Academia. *Revista da Academia Espírito-santense de Letras*, Vitória, v. 13, p. 31-56, 2010.

SCOLFORO, Jória Motta. A escrita e pensamentos das mulheres na revista "Vida Capichaba". *Revista do Arquivo Público do Espírito Santo*, ano IV, n. 7, p. 187-193, jan.-jun. 2020. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Revista_APEES_numero_7_.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2025.

SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1985. Disponível em: <<https://www.kufunda.net/publicdocs/Dores%20do%20Mundo.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2025

SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de lidar com as mulheres*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Disponível em: <<https://archive.org/details/AArteDeLidarComAsMulheres>>. Acesso em: 28 fev. 2025.

VIDA Capichaba. Guilly Furtado Bandeira. *Vida Capichaba*, Vitória, ano V, n. 96, [s. n.], 30 jul. 1927. Disponível em: <https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/156590/per156590_1927_00096.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2025.

VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, Auguste de. *L'Ève future*. Paris: Maurice de Brunhoff, 1886.

Recebida em: 3 de março de 2025.

Aprovada em: 7 de abril de 2025.

SELETA

CARTA SEM DESTINATÁRIO

Meu desvairado amor:

“Minha alma triste, vestida de outono, minha alma triste, vestida de cinza”, inclina-se sobre o teu coração distante, como tomba, falecida e dolorosa, nostálgica da primavera e dos jardins, na solidão penumbrosa de um aposento fechado, presa ao ergástulo estreito de um jarro de vidro, a silhueta esguia de um íris cor de sangue...

É o langor deste sol que me afaga; o hálito incandescente do mormaço que me beija os olhos, entrecerrando as pálpebras na volúpia felina de uma sesta; é o quebranto indizível da saudade de tua carícia, que envolve meu ser na melancolia entorpecente do silêncio e da angústia...

A minha alma de artista, torturada e insatisfeita, cobre-se de sombra!

É um cisne negro, viúvo, vogando solitário sobre as águas mansas do lago adormecido, enquanto o poente peneira, por entre as copas de esmeralda, a pulverização irisada do crepúsculo morrente.

Experimento, na soledade onde me engolfo, a lancinância de um desejo, a fremir revoltado, estrangulado pela ânsia de um gozo apetecido, inacabado...

Meu coração de poetisa pulsa, batendo no meu peito, como punho forte de um desgraçado a dar pancadas numa porta de ferro, que se fechou, prendendo a sua felicidade...

Meu sonho vocifera como um ébrio, cambaleando, pelas ruas desertas, confundindo as pupilas dos gatos amorosos com o luci-luzir do setestrela distante...

Evoco o teu sorriso... O arco-íris da alegria desponta no oriente de minha fantasia. Desce do firmamento de turquesas, que envelhecem, a poesia da ilusão... Roça-me o pensamento. É o beijo etéreo de uma recordação alucinante a vibrar no teclado maravilhoso dos meus nervos. Todo o meu ser estremece na emoção despertada e no meu cérebro irrompe a eflorescência mirífica dos meus sentidos provocados...

Meu amor! ...

Lírio vermelho dos jardins interiores da Quimera e da Paixão, desabotoa para o beijo fecundador de minha estrofe, abre a corola do teu seio purpurino, nascido das gotas de sangue do coração de um deus assassinado, e deixa pousar aí, como uma abelha agonizante, exangue, na tarde lenta que se acinza, no desencanto do abandono, "minha alma triste, vestida de outono, minha alma triste, vestida de cinza".

Rio, 28-2-27

Figura 4: "Carta sem destinatário" publicada em 30 de abril de 1927.

30 VIDA CAPICHABA

O «SPORT» NO INTERIOR DO ESTADO



Em cima: O bravo «Sul America F. B. C.», de João Nêiva, que venceu o «Bangü» F. B. C. pelo score de 2x0. Assinalado pela cruz vê-se o sr. Durval Gama, seu esforçado presidente. Em baixo: O valeroso «Bangü F. B. C.», de Pendanga.

30 - 4 27

trecerrando as palpebras na volúpia felina de uma sesta; é o quebranto indizível da saudade de tua carícia, que envolve meu ser na melancolia entorpecente do silêncio e da angústia...

A minha alma de artista, torturada e insatisfeita, cobre-se de sombra!

É um cysne negro, viuvo, voando solitário sobre as águas mansas do lago adormecido, enquanto o poente peneira, por entre as copas de esmeralda, a pulverização irisada do crepúsculo morrente.

Experimento, na soledade onde me engolfo, a lancinância de um desejo, a fremir revoltado, estrangulado pela ancia de um goso apetecido, inacabado...

Meu coração de poetiza pulsa, batendo no meu peito, como punho forte de um desgraçado a dar pancadas numa porta de ferro, que se fechou, prendendo a sua felicidade...

Meu sonho vocifera como um ebrio, cambaleando, pelas ruas desertas, confundindo as pupilas dos gatos amorosos com o luci-luzir do setestrello distante...

Evôco o teu sorriso... O arco-iris da alegria desponta no oriente de minha phantasia. Desce do firmamento de turquezas, que envelhecem, a poesia da ilusão... Roça-me o pensamento. É o beijo ethereo de uma recordação allucinante a vibrar no teclado maravilhoso dos meus nervos. Todo o meu ser estremece na emoção despertada e no meu cerebro irrompe a efflorescencia mirifica dos meus sentidos provocados...

Meu Amor!...

Lírio vermelho dos jardins interiores da Chimera e da Paixão, desabotó para o beijo fecundador de minha estrophe, abre a corolla do teu seio purpurino, nascido das gotas de sangue do coração de um deus assassinado, e deixa poisar ahí, como uma abelha agonizante, exangue, na tarde lenta que se acinza, no desencanto do abandono, «minha alma triste, vestida de outono, minha alma triste, vestida de cinza...»

Rio, 23-2-27.

HADALY

TROVAS

Nos pleitos de amor, em vista
De me teres cabalado,
Serei... serei governista?
Não sou opposicionista
Para ficar derrotado...

Y.

Carta sem destinatario

Meu desvairado Amor:

«Minha alma triste, vestida de outono, minha alma triste, vestida de cinza», inclina-se sobre o teu

coração distante, como tomba, esfalecida e dolorosa, nostalgica da primavera e dos jardins, na solidão penumbrosa de um aposento fechado, presa ao ergastulo estreito de um jarro de vidro, a silhueta esguia de um iris cõr de sangue...

É o langor deste sol que me afaga; o halito encandescente do mormaço que me beija os olhos, en-

A Loteria de Minas tem pago, com pontualidade, todos os bilhetes premiados.

Fonte: *Vida Capichaba*, Vitória, n. 91, 30 abr. 1927.

CARTA SEM DESTINATÁRIO

Meu desvairado amor:

Mais um Natal cantou a glória do triunfo em nossos corações. Mais uma estância do nosso amor vitorioso floresceu – lírio vermelho do sonho – no vergel do carinho nosso; este afeto bendito, que nos enche o porvir de anseios e de bênçãos, engrinaldar de poesia o luar dos teus cabelos brancos, e solta, em minha boca as abelhas dos meus versos. E foi assim que te saudei. Amado de minha alma, nesse novo Natal, que glorificou o nosso amor tão velho onde perdura sempre a primavera de nossos devaneios.

Numa carícia leve como um raio de sol através das estalactites de uma caverna escura, o meu amor penetra em teu coração e doira as lágrimas calcárias da fumaça de tua vida. Essa réstia de luz afagará todo o teu ser, e, num momento, envolverá em tua clâmide fluida, auri-rosada, toda a tua alma, na irradiação magnífica da apoteose do meu sonho...

E, sentiremos, então, num hausto de ventura, a delícia de viver na consubstanciação de um afeto demasiado grande para vida tão pequena.

E juntos, unidos pelo Amor, unificados na mesma prece, vibrando na mesma esperança, olhos no céu, murmuraremos na catedral do carinho:

Gloria in excelsis Dei!

Sim, a glória de Deus que pôs a graça deste amor em nossos corações! Glória a Deus que te fez o senhor do meu destino!

Glória a Deus que, em meio à infâmia dos homens e a covardia dos perversos, permitiu que pudesse cantar em

tua alma a glória dos outonos e a poesia dos poentes, o
grande, imenso, imorredouro amor

de tua

Hadaly

Rio, 1928. Dezembro.

Figura 5: "Carta sem destinatário" publicada em 17 de janeiro de 1929.

DR. HEITOR DE SOUZA



Faleceu, no dia 11, repentinamente, no Rio de Janeiro, o illustre dr. Heitor de Souza, ministro do Supremo Tribunal Federal. Com elle, perdem as letras juridicas um dos seus mais devotos cultores.

Intelligencia vivaz e espirito em que sobresahiam perfectas qualidades, o pranteado extincto era uma figura que muito honrava a magistratura brasileira.

Orador eloquente e habil no difficil maneo da palavra falada, tendo sempre prompta a resposta cabal aos apertes mais vehementes, na tribuna juridica ou na parlamentar, os seus discursos ficaram como vivo attestado do seu incontestavel valor.

Patriota zeloso pelos destinos do seu paiz era um infatigavel estudioso de todos os problemas, que interessam a collectividade, e nunca a sua palavra e a sua penna ficaram inactivas, quando se tornava mister o seu concurso.

Representante que foi do nosso Estado na Camara, a

CARTA SEM DESTINATARIO

Meu desvairado amor:

§ Mais um *Natal* cantou a gloria do triumpho em nossos corações. Mais uma estancia do nosso amor victorioso floresceu—lirio vermelho do sonho,—no vergel do carinho nosso: este affecto bendito, que nos enche o porvir de anseios e de bençãos, engrinalda de poesia o luar dos teus cabellos brancos, e solta, em minha bocca, as abelhas dos meus versos. E foi assim que te saudel. Amado de minha alma, nesse novo *Natal*, que glorificou o nosso amor tão velho, onde perdura sempre a primavera dos nossos devaneios.

Numa caricia leve como um raio de sol através das stalactites de uma caverna escura, o meu amor penetra em teu coração e doira as lagrimas calcareas da fuma de tua vida. Essa restea de luz affagará todo o teu ser, e, num momento, envolverá em sua clâmide fluida, auri-rosada, toda a tua alma, na irradiação magnifica da apothese do meu sonho...

E, sentiremos, então, num hausto de ventura, a delicia de viver a consubstanciação de um affecto demasiado grande para vida tão pequena.

E juntos, unidos pelo Amor, unificandos na mesma prece, vibrando na mesma esperança, olhos no céu, murmuraremos na cathedra do carinho:

Gloria in excelsis De!

Sim, gloria a Deus que praz a graça deste amor em nossos corações! Gloria a Deus, que te fez o senhor do meu destino!

Gloria a Deus que, em meio á infamia dos homens e a covardia dos perigos, permitiu que pudesses cantar em tua alma a gloria dos outonos e a poesia dos poentes, o grande immenso, immorredouro amor

de tua
Hadaly

Rio, 1928. Dezembro.

Ha alguns homens uteis, mas nenhum necessario: somente o povo é immortal.

Robespierre

Fonte: *Vida Capichaba*, Vitória, n. 158, 17 jan. 1928.

CARTA SEM DESTINATÁRIO

Meu insano desejo:

A primavera voltou. O jasmineiro que perfuma o ambiente aonde eu vivo atira sobre meus cabelos, quando passo, as suas flores nevadas – a grinalda única que me tem cingido a fronte. E o aroma toma uma forma; humaniza-se, fala, canta. Sua voz é um poema evocativo das florestas longínquas e tem a sonância voluptuosa e mística dos hinos de Valmiki. Reminiscências de outra grei, florescida à sombra do Himalaia, onde “o espírito divino circula nos céus” para fundir-se na realidade única, identidade inicial e final de todas as coisas – Brahma.

Na maravilhosa fantasmagoria dos sentidos, um gênio perverso me enlaça e Maya envolve-me o ser no seu manto mágico de mistério e de ilusão.

Uma vertigem momentânea dá-me a sensação da perda do peso específico do corpo, e leve, fluida, como uma nuvem rolando na amplidão, tangida pelo vento, ascendo no ar, numa impressão deliciosa de voo.

A noite desce. O jardim se povoa de entidades que nem todos os olhos podem ver, mas a clarividência das faculdades educadas e de minha visão afeita às sombras percebe, delinea, estereotipa, entende e confabula. A “alma das coisas” se exterioriza nessa hora esotérica do ocaso. O acúleo perverso de uma rosa feriu-me. O sangue gotejou rubro, no dedo indicador e o sofrimento pungente despertou-me do enlevo. Senti a existência na dolência que vibra através da humanidade como um fenômeno universal da própria vida. Uma voz me segredou no bafejo da brisa:

“Liberta-te da dor, criatura miserável, que a mentira adormenta e o amor ilude. A ciência é a via única que conduz à libertação salvadora. Sê livre! As almas que desconhecem e temem a verdade ficam enredadas pela

ignorância da causa primeira na trama de sofrimento, transmigrando de corpo em corpo, até a purificação derradeira. Mata o desejo! O nirvana é a felicidade das felicidades que espera aquele que estrangulou a paixão e o desejo de existir.

Contempla a vaidade universal das coisas e dos homens, cospe na imundície dos apetites... Não ames e não deixes que te amem. Sê livre! Sê forte! Só há uma verdade: o vazio que enchemos com o próprio ego e a distância que esbate todas as perspectivas e as arestas... Os deuses morrem num calvário. A humanidade sofre, porque tem medo e cultiva a mentira.

Busca a verdade! Sê livre!"

Disse e passou.

Em vão o jasmineiro tremeu acariciado pelo vento e o aroma me envolveu no seu beijo perfumado. Eu via apenas, na roseira trêmula, uma rosa purpurina, sobranceira, no pedúnculo frágil, como uma gargalhada de escárnio numa boca adorada... E via o meu próprio sangue, rubro, pingando, como lágrimas de rubis...

No meu coração ressonava aquela voz misteriosa, tentadora, seduzente: "a ciência é a via única que conduz à libertação salvadora"....

Aqui tens, tu, que tudo sabes, meu coraçãozinho de mulher, a tremer, assustado, fremente de verdade, ansioso, a filosofar, curiosa, sobre as verdades da grande renúncia... Mas, como há de viver sem teu amor, aquele que fez dessa maravilhosa mentira a única verdade de seu destino?

Rio, 10-1929

Figura 6: "Carta sem destinatário" publicada em 31 de outubro de 1929.

CARTA SEM DESTINATARIO

Meu insano desejo:

A primavera voltou. O jasmineiro que perfuma o ambiente aonde eu vivo, atira sobre meus cabelos, quando passo, as suas flôres nevadas—a grinalda unica que me tem cingido a fronte. E o aroma toma uma fôrma; humaniza-se, fala, canta. Sua voz é um poema evocativo das florestas longinquas e tem a sonancia voluptuosa e mystica dos hymnos de Valmiki. Reminiscencias de outra grêi, florecida á sombra do Hymalay, onde «o espirito divino circula nos céos», para fundir-se na realidade unica, identidade inicial e final de todas as coisas—Brahma.

Na maravilhosa fantasmagoria dos sentidos, um genio perfido me enlaça e Maya envolve-me o ser no seu manto magico de mysterio e de illusão.

Uma vertigem momentanea dá-me a sensação da perda do peso especifico do corpo, e leve, fluida, como um nuvem rolando na amplidão, tangida pelo vento, ascendo no ar, numa impressão deliciosa de vôo.

A noite desce. O jardim se povôa de entidades que nem todos os olhos pôdem ver, mas a clarividencia das faculdades educadas e de minha visão affeita *ds sombras* percebe, delinea, estereotypa, entende e confutula. A «alma das coisas» se exterioriza nêssa hora esoterica do occaso. O aculeo perverso de uma rosa feriu-me. O sangue gottejou rubro, no dedo indicador e o soffrimento pungente despertou-me do enlevo. Senti a existencia na dolencia que vibra através da humanidade como um phenomeno universal da propria vida. Uma voz me segredou num baf-jo da brisa:

«Liberta-te da dôr, creatura miseravel, que a mentira adormenta e o amorçillude. A sciencia é a via unica que conduz á libertação salvadora. Sê livre! As almas, que desconhecem e temem a verdade, ficam enredadas pela ignorancia da causa primeira na trana de soffrimento, transmigrando de corpo em corpo, até a purificação derradeira. Mata o desejo! O *nirvana* é a felicidade das felicidades que espera aquelle que estrangulou a paixão e o desejo de existir.

Contempla a valdade universal das coisas e dos homens, cóspe na impundicie dos appetites... Não ames nem deixes que te amem. Sê livre! Sê forte! Só ha uma verdade: o vazio que enchemos com o proprio *ego* e a distancia que esbate todas as perspectivas e as arestias... Os deuses morrem num calvario. A humanidade soffre, porque tem medo e cultiva a mentira. Busca a Verdade! Sê livre!»

Disse e passou.

Em vão o jasmineiro tremeu acariciado pelo vento e o aroma me envolveu no seu beijo perfumado. Eu via apenas, na roseira tremula,



Quatro «elegantes» da comitiva presidencial, Sezofres de Andrade, Roberto Ribeiro de Souza, José Horta e Augusto Agular Salles.

uma rosa purpurina, sobranceira, no pedunculo fragil, como uma gargalhada de escarneo numa bocca adorada... E via, o meu proprio sangue, rubro, pingando, como lagrimas de rubis...

No meu coração resonava aquella voz mysteriosa, tentadora, seducente: «A sciencia é a via unica que conduz á libertação salvadora»...

Aqui tens, tu, que tudo sabes, meu coraçãozinho de mulher, a tremer, assustado, fremente de verdade, ansioso, a philosophar, curiosa, sobre as verdades da *grande renuncia*... Mas, como ha de viver sem teu amor, aquelle que fez dessa maravilhosa mentira a unica verdade do seu destino?

Rio, 10—1929.

Hadaly

Fonte: *Vida Capichaba*, Vitória n. 199, 30 abr. 1929.

CARTA SEM DESTINATÁRIO

Meu desvairado amor:

... "J'ai trouvé des mots vermeils.
Pour rendre la couleur des roses"

Vibrando com a ruínas rubras de Banville, no ambiente vermelho de meu sonho, que o colorido das velas purpurinas dos primitivos barcos fenícios, tingidas com a substância corante dos múrices, pescados nas costas submersas das montanhas da Grécia, ao longo da costa acidentada: envolta pelo rubor da clâmide do ocaso, que afoga nas ondas flamejantes do crepúsculo vespertino, espétalo, às brisas sussurrantes da tarde que morre, as rosas escarlates do desejo.

Desejo, que vibra, a rir, na gargalhada rósea da ironia.

Ironia, que anda a cantar à flor da boca, insinuante e sarcástica como um verso de luz no fecho de um soneto.

Canto, que corresponde em cor ao cromatismo de um pêssago sazonado sob a carícia do sol; em aroma, às redolências de um rosal, quando o poente se irisa; em harmonia, às notas revoltadas da música eslava e ao grito agudo das águias feridas, embriagadas pelo temporal...

O matiz das cerejas agridoces tinge de um idealismo colorido o pensamento que fulge: as ideias, hieráticas como deuses egípcios, arrastando a púrpura de suas vestes majestosas, passam, repassam e parecem envolvidas de auras fluidas, sanguíneas, sonorizando fanfarras de triunfo e cornetins de conquista. A visualidade da palavra é cor que vibra; a visão se expressa e se anima, como um corpo transparente num raio de luz. A pérola é uma gotícula d'água cristalizada por um beijo de sol, talqualmente o

amor, uma gota de lágrima, feita pela carícia da felicidade imprecisa, fugaz, inebriante de um átimo de exaltação. Aquela é a doença da ostra, o quisto de um molusco, transformada num tesouro pela destra artística de um joalheiro; este, é o carcinoma da alma, transmutado no poema rubente do sonho, na harmonia nervosa da vida, pelo instinto da espécie e a nevrose do desejo e da ilusão...

A emotividade violenta dos ritos bárbaros do paganismo primitivo, repassado da religiosidade dos sacrifícios sanguinolentos e volúpicos, evolutivamente, desperta em meu senso artístico a coreografia exótica de um bailado fantástico de reminiscências atávicas. Escuto a sinfonia de uma legião vermelha na revolta latente dos pulsos agrilhoados, a liberdade escravizada ao jugo do cativo, mas a vingança sanguinária desabrolhando, latente, nos pensamentos livres; no anseio do ódio e da traição, da vindita e da guerra...

Flâmulas de combate esvoaçantes aos ventos de todos os quadrantes, são lenços cor de brasa, fulvos, simbolizando oceanos de adeuses e convites de peleja...

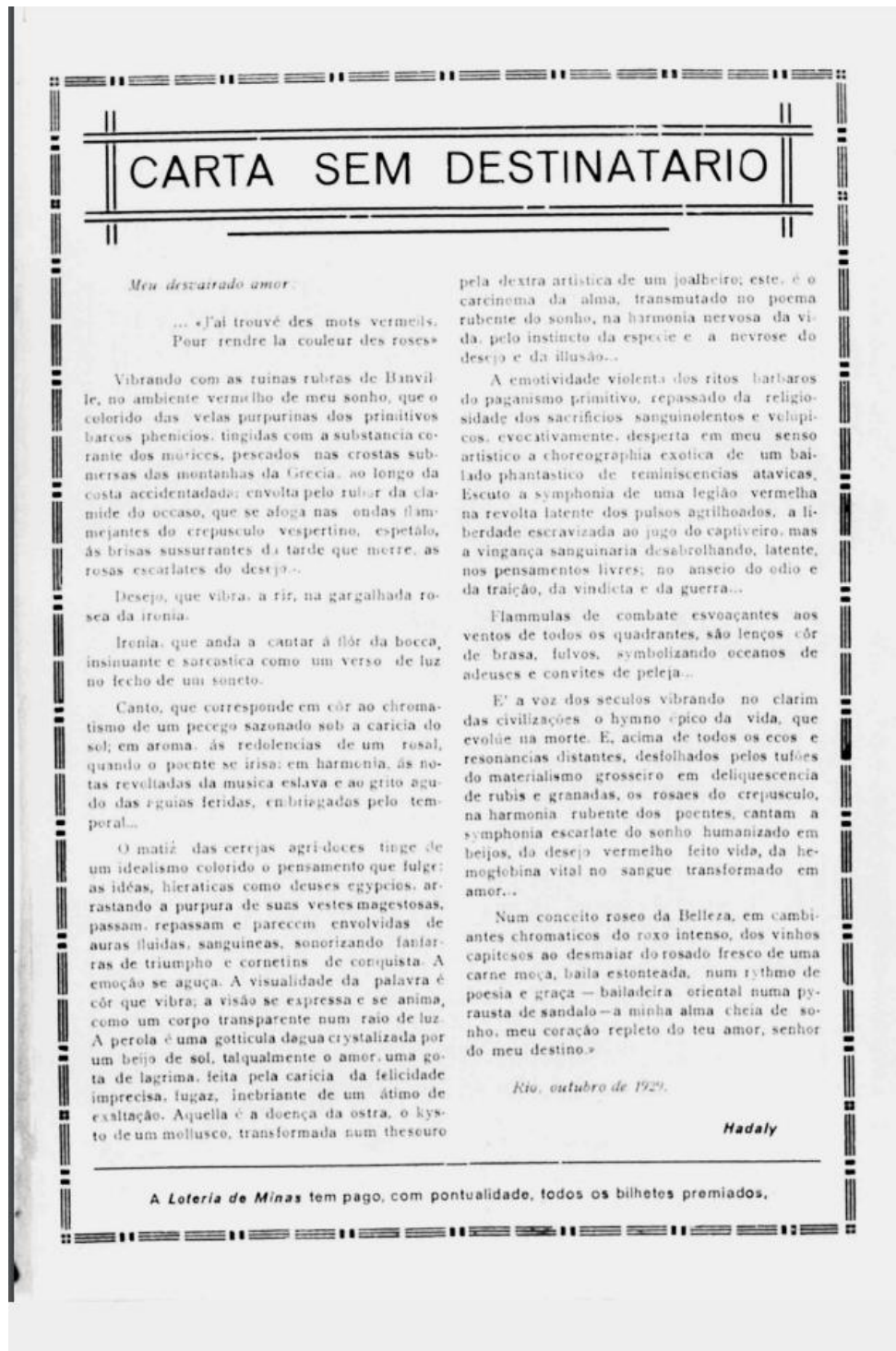
É a voz dos séculos vibrando no clarim das civilizações o hino épico da vida, que evolui na morte. E, acima de todos os ecos e ressonâncias distantes, desfolhados pelos tufões do materialismo grosseiro em deliquescência de rubis e granadas, os rosais do crepúsculo, na harmonia rubente dos poentes, cantam a sinfonia escarlate do sonho humanizado em beijos, do desejo vermelho feito vida, da hemoglobina vital no sangue transformado em amor...

Num conceito róseo da Beleza, em cambiantes cromáticos do roxo intenso, dos vinhos capitosos ao desmaiar do rosado fresco de uma carne moça, baila estonteada, num ritmo de poesia e graça – bailadeira oriental numa pyrausta de sândalo – a minha alma cheia de sonhos, meu coração repleto do teu amor, senhor do meu destino.

Rio, outubro de 1929

Hadaly

Figura 7: "Carta sem destinatário" publicada em 7 de novembro de 1929.



Fonte: *Vida Capichaba*, Vitória, n. 200, 7 nov. 1929.

[CARTA SEM DESTINATÁRIO]

Meu desvairado amor:

O ocaso espetala papoulas rubras no regaço do ocidente;
a crista dos morros se azula e uma tinta violácea se evapora
na linha longínqua do poente.

No outono de tua mocidade morta a poesia do meu amor
esfolha a rosa sanguínea da paixão.

Escuto a voz de minha alma num poema de
encantamento; o meu sonho maravilha: é como as vitórias
régias dos igapós amazônicos, que desabrocham,
pompeantes, ao fluido mágico do plenilúnio das noites
misteriosas. Ao vir o sol, fecham as pétalas de pérolas
enfermas sobre o tapiz esmeraldino de suas folhas imensas,
e, como um bando de garças mortas, ficam boiando à flor
das águas marulhosas.

Repercute no teclado mago dos meus nervos a sonata
deste enlevo, que fez de ti a harmonia máxima da
musicalidade artística do meu ser. Crispam-se-me as fibras
todas no frêmito indizível que faz estremecer de emoção o
verdadeiro artista, tocado pelo cromatismo crepuscular,
irradiando através da superfície diáfana de um repuxo, na
solitude de um jardim, extasiado, na acuidade refinada de
seu temperamento, ante o impressionismo da cor; a
expressão de um olhar; a graça de um sorriso; a criação do
pensamento; o ritmo da palavra; a sinfonia da linha; a
penumbra de um rosal; o revoo de uma asa...

Dos abismos de mim mesma, como os nelumbos que
afloram para o beijo vivificante do sereno vespertino, na
quietude de um lago adormecido, emerge a floração dos
versos na alegria sintética da vida triunfal. E o meu sonho
é uma canção...

Assim, na volúpia de viver que me arrasta, ébria de
sorrisos, maravilhada de emoções, como um deserto árido

fecundado pelos sentimentos da enxurrada, venho dizer-te
numa carícia: mata em teus lábios o lamento da renúncia,
porque não se é velho quando se guarda ainda um amor
no coração...

Abre a tua alma para o irradiar mirífico dos crepúsculos
inspiradores!

A mocidade ama, porque pode amar; a madureza ama,
porque pode querer... Ademais, o gênio não envelhece...
Enquanto a inteligência não repousa, o fastio não
estrangula o desejo, o espírito não exige a paz, a juventude
não se aniquilou.

Revivesce para a voluptuosidade do grande sonho
vencedor, para a Alegria que aviventa, para a Vitória dos
eleitos!

O que te falta, sobra-me a mim...

Que importam as rugas? Que valem as cans?

O teu ser desabrolha para o meu carinho como as
boninas, que se desabotoam, quando anoitece, a perfumar
os campos, acolhendo em seu seio os vagalumes.

Eu sou a poesia que vem dourar os abrolhos dos teus
desalentos; sou a mocidade que torna a aurora boreal de
um descampado; sou o entusiasmo que triunfa, a fé que
aquece, a esperança que ilumina...

Neste momento silencioso de tua vida, apaga a sombra
do passado e dá-me – numa renúncia suprema, a glória do
teu porvir!

Figura 8: "Carta sem destinatário" publicada em 30 de março de 1933.

Côres e Flores

Meu desvaído amor

O ocaso espelha papoilas rubras no regaço do ocidente; a crista dos mortos se azulava na distância e uma linda violaceia se evaporava na linha longínqua do poente.

No outono de tua mocidade morta a poesia do meu amor esfolha a rosa sangüinea da paixão.

Escuto a voz de minha alma num poema de encantamento; o meu sonho maravilha: é como as *victórias regias* dos igapós amazônicos, que desabrocham, pompear, ao fluido mágico do plenilúio das noites misteriosas. Ao vir do sol, fecham as pelotas de perolas enfermas sobre o lapiz esmeraldino de suas folhas imensas, e, como um bando de garças mortas, ficam boiando à flor das águas marulhosas.

Percute no teclado mudo de meus nervos a sonata deste enlevo, que fez de ti a harmonia máxima da musicalidade artística do meu ser. Crispam-se-me as fibras todas no fremito indizível que faz *estremecer* de emoção o verdadeiro artista, tocado pelo cromatismo crepuscular, irradiando através da superfície diáfana de um repuxo, na solidão de um jardim, exultando, na acuidade refinada de seu temperamento, ante o impressionismo da cor; a expressão de um olhar; a graça de um sorriso; a criação do pensamento; o ritmo da palavra; a *symphonia da linha*; a penumbra de um rosol; o revólver de uma *aza*...

Dos abismos de mim mesma, como os nelumbos que afloram para o beijo vivificante do sereno vespertino, na quietude de um lago adormecido, emerge a floração dos

versos na alegria synthetica da vida triumphal. E o meu sonho é uma canção...

Assim, na voluptu de viver que me arrasta, ebria de sorrisos, maravilhada de emoções, como um deserto árido fecundado pelos sedimentos da enxurrada, venho dizer-te numa carícia: mata em teus lábios os lamentos da renúncia, porque não se é velho quando se guarda ainda um amor no coração...

Abre a tua alma para o irradiar místico dos crepúsculos inspiradores!

A mocidade ama, porque *pode* amar; a madureza ama, porque *sabe* querer... Ademais, o genio não envelhece... Enquanto a intelligencia não repousa, o facho não estrangula o desejo, o espirito não exige a paz, a juventude não se aniquilou.

Revivisce para a voluptu sidade do grande sonho vencedor, para a Alegria que avivencia, para a Victoria dos eleitos!

O que te falta, sobra-me, a mim...

Que importam as ruínas? Que valem as cans?

O teu ser desabrocha para o meu carinho como as boninas, que *desabotam*, quando anoitece, a perfumar os campos, acolhendo em seu seio os vagalumes.

Eu sou a poesia que vem doirar os abrolhos dos teus desalentos; sou a mocidade que torna na aurora boreal de um descampado, para trisar o luar de teus cabelos brancos; sou o entusiasmo que triumpho, a fé que aquece, a esperança que illumina...

Neste momento silencioso de tua vida, apaga a sombra do passado e dá-me—numa renúncia suprema, a gloria do teu porvir!

Hadaly

Só Risos,
Picolé
e Solta Nega

Fonte: *Vida Capichaba*, Vitória, n. 337, 30 abr. 1933.